

Estaç
Lója N.

586.

b. 199

RUFINO

O REI DO BARULHO



MANOEL D'ALMEIDA FILHO

2019
Cx 12



RUFINO, O REI DO BARULHO

Direitos adquiridos e registrados de acôrdo com a lei na
Biblioteca Nacional



RUA IPANEMA, 772 — FONE: 93-1374
SÃO PAULO-6

MANOEL D'ALMEIDA FILHO

RUFINO, O REI DO BARULHO



Mais um drama sertanejo
Surgiu da inspiração
Dum trovador que ajuda
Na alfabetização
Das crianças camponesas,
Dos caboclos do sertão.

Para versar aventuras,
Esta pena tem orgulho
Por isso apresenta, agora,
"Rufino, o Rei do Barulho",
Homem que nunca dobrou-se,
Um pau que não deu gorgulho.

Rufino nasceu marcado
Pelas garras do destino,
Sadio, forte e ousado,
Valente desde menino,
Porém aos dezoito anos
Transformou-se um assassino.

O velho pai de Rufino
Era um pobre fazendeiro,
Trabalhador, esforçado,
Sertanejo verdadeiro,
Porém era perseguido
Por não possuir dinheiro.

No sertão do Ceará,
Cultivando as secas terras,
Vivia o pai de Rufino,
No meio de duas serras,
Enfrentando dos vizinhos
As mais temerosas guerras.

Com grupos de cangaceiros,
Os vizinhos avançavam
Naquela fazenda pobre
E sempre, sempre tomavam
Alguns pedaços de terra
E com arame os cercavam.

O pobre pai de Rufino,
Luís de Souza Aragão,
Se dava parte à justiça,
Perdia toda a razão,
Porque não tinha dinheiro,
Não ganhava uma questão.

Os seus fortes inimigos
Levavam advogados,
Perante a "lei do dinheiro"
Os crimes eram julgados,
Onde os ricos se exaltam
E os pobres são humilhados.

Assim, o velho Luís
Pouco a pouco ia perdendo
A sua propriedade,
Dia a dia empobrecendo
E os vizinhos desalmados
Mais a mais enriquecendo.

Enquanto isso, Rufino
Estudava em Fortaleza,
Seu pai com mil sacrifícios,
Para pagar a despesa
Do colégio, trabalhava
Dia e noite com firmeza.

Rufino com quinze anos
Era um rapaz muito forte,
Bastante desenvolvido,
Mostrava bonito porte,
Por isso era no colégio
Comandante do esporte.

Com diversos estudantes,
Que tinham boas condutas,
Rufino criou um grêmio
Com treinamento de lutas
Por um professor baiano
Que revisava as disputas.

Assim Rufino aprendeu
Dar ponta-pé e rasteira,
Tapa, murro e cabeçada,
"Golpes" de toda maneira,
Era, com dezesseis anos,
Professor em capoeira.

Em treinamento, lutava
Para dar demonstração
Com dez, doze companheiros,
Punha-os fora de ação,
Batidos, esbodegados,
Caidos por sôbre o chão.

Uma feita, em Fortaleza,
Rufino ia passeando,
Avistou quatro colegas
Com dez soldados lutando,
Rufino entrou sem saber
O que estava se passando.

Em defesa dos amigos,
Pegou um soldado louro,
Deu-lhe um sôco entre os dois
[olhos
Que só ouviu o estouro,
Da testa à ponta do queixo
Caiu a manta de couro.

Outro policia partiu,
Com o seu refle apunhado,
Rufino pegou-o com tudo,
Deu um balão que o soldado
Subiu rodando e caiu
Como um sapo escangalhado.

Outro soldado pulou
Com a carabina armada,
Rufino saltou de banda
E deu-lhe uma cabeçada,
Jogou-o com doze metros
Em cima duma calçada.

Nessa hora os seus colegas,
Que também eram treinados,
Tinham dominado os outros,
Estavam todos deitados,
Gemendo fora de ação,
Feridos, ensangüentados.

Sem ter mais com quem brigar,
Usando a maior pericia,
Rufino disse: — Corramos
Que vai chegar mais policia;
Quando a patrulha chegou
Só encontrou a noticia.

Os populares disseram
Que naquele acontecido,
Numa batalha de morte,
Tudo aquilo tinha sido
Feito por cinco estudantes
Mas não tinha um conhecido.

Punir os cinco rapazes
Sem provas ninguém podia,
Assim, os dez praças foram
Parar na enfermaria,
Receber o tratamento
Que cada um exigia.

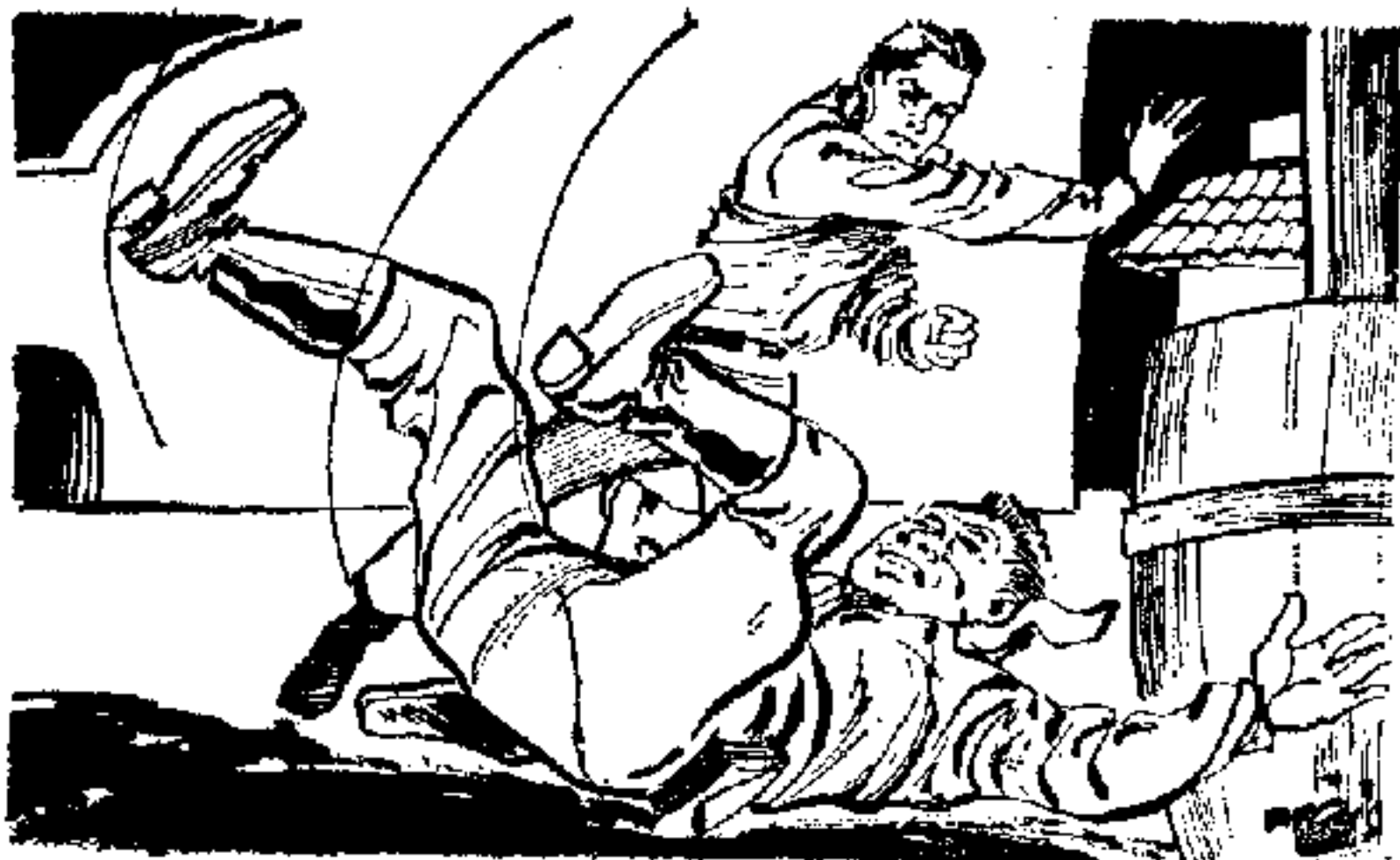
Rufino com os colegas
Dominaram os dez soldados
E ficaram por isso mesmo,
Nunca foram procurados,
Muito embora alguns ficassem
Ligeiramente arranhados.

Porém com essa vitória,
No dia quatro de julho,
Os estudantes unidos,
Por um gesto de orgulho,
Deram ao colega o título:
"Rufino, o Rei do Barulho".

Por esse tempo, Rufino
Fazia dezoito anos,
Alegre, cheio de vida,
Sem pensar em desenganos
Nem que já se aproximavam
Inimigos desumanos.

Quando já se preparava
Para ir à Faculdade,
Na Capital da Bahia,
Deu-se a infelicidade
No quadro da sua vida,
A maior fatalidade.

O coronel Mustafá,
Frio, sem ter compaixão,
Inimigo de seu pai,
Na maior devastação,
Incendiou-lhe a fazenda
Sem deixar vivo um cristão.



Com um grupo de capangas,
Liquidou o fazendeiro
Luís de Souza Aragão,
Por um modo traiçoeiro,
A espôsa e três filhinhos,
E a família do vaqueiro.

Mataram bois e cavalos,
Carneiros, bodes e vacas,
Depois, os corpos humanos
Esquartejaram com facas,
Deixando os vários pedaços
Enfiados nas estacas.

Fazia pena se vê
Os campos incendiados,
Os animais, todos mortos,
Pelo cercado espalhados,
Os urubus devorando
Os corpos esquartejados.

Ninguém tomou providência
Na morte do fazendeiro,
Isso porque nesse tempo,
Imperava o cativoiro,
Vencia aquêle que tinha
Capanga e mais dinheiro.

Por ter ido a Fortaleza,
Só o vaqueiro escapou,
Quando soube da noticia,
Nunca mais se apresentou;
Rufino sabendo tudo
Uma vingança forjou.

Despediu-se dos colegas,
Conduzindo algum dinheiro,
Assim deixou a cidade,
Seguiu sem ter paradeiro,
Chegou em uma fazenda,
Empregou-se de vaqueiro.

Como era corajoso
E tinha disposição
Conquistou em pouco tempo
Confiança do patrão,
Que fez correr sua fama:
Por todo aquêl sertão.

Enquanto o tempo passava
Aumentava a confiança,
Rufino se preparava
Com uma louca esperança,
Juntando o que precisava,
Para fazer a vingança.

Muniu-se de mais dinheiro,
Um revólver e um punhal,
Um cavalo corredor,
Bom de gado, especial,
Só aguardava o ensejo
Para a vingança, afinal.

Tôda a história do crime
Já sabia com certeza,
Porque não era segredo
Nas zonas da redondeza,
Mais cedo do que pensava
Teve uma grande surprêsa.

Para uma aparição
Foi convidado Rufino
Que foi e na grande festa
A estrêla do destino
Colocou-o freute a freute
Ao coronel assassino.

Ao coronel Mustafá,
Foi Rufino apresentado
Como um vaqueiro valente,
Bom derrubador de gado,
Corredor, experiente,
Honesto, capacitado.

De fato, na grande festa,
Rufino pôde provar,
Não correu uma só vez
Para a rês não baquear,
Quando puxava na cauda,
Via o mocotó passar.

O coronel Mustafá
Ficou tão maravilhado,
Com as façanhas do môço,
Mais a mais apaixonado,
Que chegou a convidá-lo
Para ser seu empregado.

Rufino com muito gosto
Aceitou logo o convite;
Coitado do Mustafá,
Com o seu triste palpite,
Preparava a sua morte
Levando uma "dinamite".

Chegando lá na fazenda,
Logo nos dias primeiros,
Rufino era a vedeta,
Entre todos os vaqueiros,
Causando até ciúmadãs
No meio dos cangaceiros.

Mas, é que o coronel
Só confiava em Rufino,
Não se lembrava que era
Um vil, covarde, assassino
Que atraído seguia
Para a cova do destino.

Assim Rufino já era
O cabra de confiança
Do coronel Mustafá
Jamais lhe vindo a lembrança
Que êle só aguardava
O momento da vingança.

Até que os dois saíram
Para correr o cercado
E por acaso chegaram
No ponto determinado,
Na velha tapera, onde
Rufino havia morado.

A convite de Rufino,
Os dois ali se desciam,
Que disse: — Os nossos cavalos
Até que isso apreciam,
Vamos descansar um pouco,
Enquanto as selas esfriam.

Rufino fêz-se inocente,
Como quem não sabe nada,
Perguntou ao coronel:
— De quem foi esta morada,
Que me está parecendo
Ter sido há dias queimada?

Disse o coronel: — Aqui
Morou um velho encenqueiro,
Vagabundo, miserável,
Infeliz, aventureiro,
Onde só vivia brigando
Querendo ser fazendeiro.

Fiz tudo para que êle
Me vendesse esta porqueira,
Mas como era teimoso
Sempre fazia barreira,
Até quando me zanguiei,
Foi a sua derradeira.

Mandei matá-lo com tudo,
Inclusive os animais,
Êle, a mulher e três filhos,
Tiveram mortes fatais,
A família do vaqueiro
Passou as dores iguais.

Depois do "serviço" feito,
Os pastos incendiados,
Os corpos ainda foram
Por ordem esquartejados
E os pedaços foram postos
Nas estacas enfiados.

Como defuntos não falam,
Para falar a verdade,
Depois fui a Fortaleza,
Com tôda felicidade,
Anexei suas terras
A minha propriedade.

Rufino disse: — O senhor
Acha que fez muito bem,
E não teme por ventura
Que tenha escapado alguém
E venha tomar vingança,
O esquartejando também?

— Escapou, porém a mim
Não causa o menor abalo,
Um maluco em Fortaleza,
Eu já mandei procurá-lo,
Porém não foi encontrado,
Fugiu, não pude matá-lo.

Tem um cabra o procurando,
Breve será encontrado,
Não tenho o menor sobrôso,
Vivo sempre descansado,
Se vier me procurar
Será logo liquidado.

Até o nome esqueci
Parece ser Severino;
O rapaz fastou atrás
E disse: — Sou eu, Rufino,
Agora pegue nas armas
Para morrer, assassino!

O senhor mandou matar
Os meus pais covardemente,
Ainda meus três irmãos,
E uma família inocente,
Agora vai pagar tudo,
Vou matá-lo frente a frente.

Não buscarei seus parentes,
Para ficar mais vingado,
O senhor paga sózinho,
Vai ser morto, esquartejado,
E ficar, como meus pais,
Nas estacas enfiado.

O coronel deu um pulo
 E disse: — Eu matei seu pai,
 Sua mãe e seus irmãos
 E agora é você que cai,
 Para pagar sua audácia,
 Atrás dêles também vai.

O môço disse: — O seu hor
 Vai cair no meu embruiho,
 Pagar o crime que têz,
 Perder todo o seu orgulho,
 Nas mãos d'êste seu criado
 "Rufino, o Rei do Barulho".

Pode puxar suas armas
 Porque eu vou liquidá-lo,
 Dá-lhe ponta-pés e quedas,
 Até quando machucá-lo,
 Para poder começar,
 Inda vivo, esquartejá-lo.

Já com a arma na mão,
 O coronel atirou,
 Mais ligeiro que um raio,
 Rufino se desviou,
 Deu uma rasteira no velho
 Que o mata-pasto acamou.

Na queda do coronel,
 Rufino logo investiu.
 Pegou-o com revólver e tudo,
 Para os ares sacodiu,
 Aparou-o na cabeça
 Que o corpo velho rangiu.

Jogou-o em cima dum tóco,
 Na cabeçada que deu,
 O velho embora ferido,
 Não reclamou nem gemeu,
 O revólver caiu longe
 E o punhal também perdeu.

Levantou-se desarmado,
 Já querendo dar ataque,
 Rufino disse: — Eu agora
 Vou pegar-lhe o cavanhaque,
 Arrancar fio por fio,
 Depois dá-lhe muito baque.

Vou massacrá-lo a meu gosto
É depois de machucado,
Vou esquartejá-lo vivo,
Para ficar bem vingado
E o senhor sentir a dor
De estar sendo esquartejado.

Dizendo assim avançou,
Com o aspecto de louco,
Pegou-o no cavanhaque,
Dando ponta-pé e sóco,
Queda, chute e cabeçada,
Pensando ainda ser pouco.

O coronel vendo a morte,
Abriu a boca chorando,
Rufino disse: - Bandido
Agora está me pagando
Deu-lhe um trompaço que éle
Cain de bruço arquejando.

Rufino com rapidez,
Puxou um facão de aço,
Para abrir o velho vivo,
Começou pelo cachaco,
Cortando bem devagar
Até o fim do espinhaço.

Era cortando e dizendo:
- É bom ser esquartejado?
Por sua culpa, assassino,
Eu faço isto, forçado,
Só para vingar meu pai
Cruelmente assassinado.

Porém, morrá satisfeito,
Leve carta a satanáas,
Com isso fico vingado,
Não procuro nada mais,
A sua família tôda
Por mim ficará em paz.

Porque com a sua morte,
Meus pais ficarão vingados;
Não vou matar seus parentes,
Para aumentar meus pecados,
Pois, jamais devem pagar
Os justos pelos culpados.

Dizendo isso o facão
Com tôda fôrça desceu,
O velho já quase morto,
Apenas se estremeceu,
Aberto de meio a meio,
Sem um gemido, morreu.

Rufino cortou-o em cruz,
Em golpes amiudados,
E os quartos foram postos
Nas estacas espetados;
O rapaz olhando disse:
Os meus pais estão vingados.

Pegando a pena escreveu
Um bilhete sem tardança:
"Eu sou Rufino Aragão
Que fiz com esta matança,
Em defesa dos meus pais,
Uma completa vingança.

Quem tentar ir procurar-me
Leve uma vela na mão,
Deixe o inventário feito,
Seja ouvido em confissão,
Se despeça dos parentes
Até à ressurreição"...

Pôs o bilhete seguro
Num dos quartos pendurados,
Juntou os ossos dos pais
E dos seus outros vingados,
Abriu uma cova rasa
Mas deixou-os sepultados.

Rufino depois montou-se
No seu cavalo e partiu
Atravessando os sertões,
Até que enfim cain
Num dos maiores perigos
Que um sertanejo já viu.

Por hora, vamos deixá-lo
Seguindo no seu corcel
Para as portas do abismo,
Até darmos a fiel
Descrição do achamento
Do corpo do coronel.

Os dois que saíram juntos,
Quando não foram chegados,
Os capangas da fazenda
Ficaram desconfiados
E durante quatro dias
Eles foram procurados.

Só no quinto dia à tarde,
Os capangas avistaram
A festa dos urubus,
Quando lá perto chegaram,
Pelos pedaços da roupa,
O velho identificaram.

Um cabra achou o bilhete
E quando acabou de ler,
Disse: — Numa coisa desta
Nada podemos fazer,
Porque quem procura cobra
Corre o risco de morrer.

Todos responderam: — É mesmo,
Dêsse ninguém vai atrás,
É um lobo carniceiro
Pior do que Ferrabrás,
Quem fêz uma coisa desta
Mata até o satanás.

Juntaram os ossos do velho
Noutra cova sepultaram,
Quando chegaram à fazenda
Com o bilhete mostraram,
Dizendo o que tinham feito,
Tôda a história contaram.

Entre o povo da fazenda,
Quando a noticia espathou-se,
Pela frieza dos cabras,
A família conformou-se,
Mesmo porque o rapaz
Como um mistério encantou-se.

Vamos agora encontrá-lo
Seguindo a sua jornada,
Nas travessias desertas,
Sem respeitar madrugada,
Até que com cinco dias
Saiu numa encruzilhada.

A estrada abriu-se em duas,
Sendo que uma passava
Por uma larga cancela
Onde uma placa pousava
Com umas palavras que
Quem lia se arrepiava.

Na placa estava gravado
Em letras êste argumento:
"Quem passar esta porteira,
Cai na lei do sofrimento,
Fode até arrepender-se
Do dia do nascimento".

Depois que Rufino leu
A placa, disse: Eu acerto
A vida agora ou entorto,
Por dentro dêste deserto,
Ainda sendo o inferno,
Irei conhecer de perto.

Partiu, abriu a cancela,
Passou, saiu galopando,
No seu feroso cavalo,
A estrada devorando,
Adiante viu numa árvore
Uma coisa balançando.

Perto viu um esqueleto
Numa corda pendurado,
Provando que o dono dêle
Tinha morrido enforcado,
Com outra placa pregada
Dando o seguinte recado:

"Pode voltar, inda é tempo,
Veja como foi meu fim,
Pode salvar sua vida
Olhando bem para mim,
Teimando fique sabendo
Pode se acabar assim..."

Rufino parando olhou
Consigo mesmo dizendo:
Que coisa misteriosa
Está me acontecendo!...
Porém alguém que me vença
Fu só acredito vendo.

Açoitando o seu cavalo,
Pelo esqueleto passou,
Com o vento produzido,
A ossada balançou;
Mais adiante numa curva
Com outro aviso encontrou.

Dessa vez, outro esqueleto
Numa cruz estava cravado,
Bem no meio da estrada,
Com o aviso gravado
Noutra placa bem legível,
Um letreiro avermelhado:

“Pare, não passe daqui,
Examine o meu estado,
Continuando a viagem,
Como eu vai ser pregado
Vivo numa cruz, assim,
E morrer crucificado”.

Rufino lendo o letreiro,
Nenhum sobrôso sentiu,
Deu rédias ao seu cavalo
Que como um raio partiu,
Pulou por cima da cruz
Que o esqueleto caiu.



O cavalo galopando,
 Quando já ia suado,
 Rufino avistou em frente,
 Num terreno descampado,
 Quarenta ou cinquenta casas,
 Parecendo um povoado.

Quando entrou no arruado,
 Viu nas casas os curiosos,
 Com olhares assombrados,
 Parecendo perigosos;
 Rufino sentiu estar
 Entre maus e criminosos.

Mais adiante numa esquina,
 Viu um grande barracão
 Parecido com um bar,
 Muitas bancas num salão,
 Modcadas de indivíduos,
 Outros perto do balcão.

Rufino ia a galope,
 Chegando à porta riscou,
 Que os cascos do cavalo
 Na calçada fumaçou,
 Pulou e deu boa tarde
 Porém um só não falou.

Depois de olhar em volta,
 Rufino falou assim:
 — Perderam a língua ou estão
 Querendo zombar de mim?
 Eu sou o braço da peste
 Para amansar cabra ruim!

Mesmo assim ninguém falou,
 O rapaz entrou no "peito",
 Disse ao cabra do balcão:
 — Traga-me um copo sujeito
 E um litro de aguardente
 Que eu estou daquele jeito...

Sem dizer uma palavra,
 O capanga obedeceu,
 Rufino meiou o copo
 A todos ofereceu,
 Como ninguém respondesse,
 Ele tirou e bebeu.

Nisso os cabras se olharam,
O grupo se combinou,
Um do bando foi até
O balcão e se encostou
E bem num pé de Rufino
Com tôda fôrça pisou.

Depois pediu outro copo,
Disse: — Agora eu vou beber
Com você para que possa
A sua morte escolher,
Nas amostras da estrada,
O jeito que quer morrer.

Quando foi virando o copo
Com um gesto carrancudo,
Rufino mediu-lhe a cara
E deu-lhe um sôco sisudo
Que entrou de bôca a dentro
Copo com cachaça e tudo.

No murro o cabra caiu
Já morrendo sufocado,
Com vários dentes partidos,
Estrebuchando, engasgado,
Engolindo com cachaça
Dentes com vidro quebrado.

Nesse momento, Rufino
Viu a quadrilha enfrentá-lo,
Todos os cabras presentes
Partiram para pegá-lo,
Dizendo: — Vamos batê-lo
E depois crucificá-lo.

Rufino pulou por cima
Caiu no meio do terreiro
Mas já estava cercado
Pelo grupo cangaceiro,
Onze cabras criminosos,
Cada qual mais carniceiro.

E partiram como feras,
Rufino fêz que caiu,
Deu uma rasteira rodada,
Mas do canto não saiu,
Os cabras caíram todos
Que a poeira cobriu...

Agarrados, embolando,
Quase cegos na poeira,
Quando um se levantava
Recebia outra rasteira,
Caía em cima dos outros,
Assentando a cabeleira.

O capanga que estava
Dando conta do baleão
Correu, abandonou tudo,
Foi dar parte ao patrão
Da desgraça acontecida
Na porta do barracão.

Agora vamos saber
A causa desse lugar
Existir onde Rufino,
Sem saber foi se parar
Nas mãos de um assassino
Que vivia de matar.

Era um rico aventureiro,
Chamado Napoleão,
Que há muitos anos tinha
Fugido duma prisão,
Perseguido da justiça,
Foi se parar no sertão.

Napoleão foi pirata
Antes de ser condenado,
Por crime de contrabando,
Num lugar tinha deixado,
Entre jóias preciosas,
Muito dinheiro enterrado.

Fugindo, foi, arrancou
Seus tesouros escondidos,
Depois escolheu um grupo
Entre os piores bandidos,
Obedientes ao crime,
Do amor destituídos.

Napoleão satisfeito,
Com essas almas malvadas,
Embrenhou-se nos sertões,
Em zonas desabitadas,
Cercou uma grande área
De terras abandonadas.



Por ordem sua os capangas
 Construíram habitações.
 Roubando, encheram os cercados
 De diversas criações,
 Também derrubaram matos
 E fizeram plantações.

Depois iam às cidades,
 Como pessoas decentes,
 Arranjavam namoradas,
 Casavam com excelentes
 Mocinhas e as traziam,
 Para o "inferno", inocentes.

Capitão Napoleão,
 O chefe era chamado
 Para imprimir mais respeito,
 Também havia casado,
 Por todos obedecido,
 Fielmente respeitado.

O chefe tinha três filhas,
 Três "pedaços" palpitosos,
 Duas haviam casado
 Com dois cabras perigosos,
 Porém a caçula tinha
 Os modos misteriosos.

Dizia que não achava
 Rapaz que simpatizasse,
 Duvidava encontrar um
 Por quem se apaixonasse,
 Porque só queria um homem
 Que ao seu pai dominasse.

Dêsse lugar tenebroso,
 Eis a breve descrição;
 Vamos pegar o capanga
 Descrevendo ao capitão
 O que havia acontecido
 Na porta do barracão:

— Capitão, agora mesmo,
 Lá nos chegou um rapaz
 Que brigar daquele jeito
 Só o capêta é capaz,
 Ou é um filho da peste
 Ou irmão de satanás.

Enfrentando os nossos homens,
 Nunca vi outro daquele,
 Deu pancada em todo mundo,
 Ninguém pôde bater nêle,
 Estão lá esbodegados
 Todos que enfrentaram êle.

Onvindo, o capitão disse:
 — Hstou com salã de testa,
 Porque um homem sozinho
 Fazer uma coisa dessa?
 Só se veio do inferno
 Para fazer uma festa!...

Porém, de qualquer maneira,
 Eu irei agora vê-lo
 Com todos os meus rapazes,
 Para juntos combatê-lo
 Haja o que houver teremos
 De qualquer forma vencê-lo.

Dizendo assim caminhou,
 Os seus cabras convidando,
 Acompanhado de muitos,
 De longe foi avistando
 Rufino calmo, sentado,
 Na calçada descansando.

O capitão ao chegar
A bagaçada foi vendo,
Doze cabras arriados,
Alguns ainda gemendo,
Um morto de dente aberto
E três ou quatro morrendo.

Napoleão deu um grito,
Vendo Rufino sentado:
— Quem é você, donde veio,
É gente ou endiabrado,
Como fez esta desgraça
Sem poder ser dominado?

O rapaz disse: — Quem sou
Posso dizer com orgulho,
Sou humano, sou valente,
Desmancho qualquer embrulho,
Sou chamado em minha terra:
“Rufino, o Rei do Barulho”.

Respeitei sempre os lugares
Por onde tenho passado,
Essa besteira que fiz
Foi para ser respeitado,
Porque com vida jamais
Serei desmoralizado.

Cercado pelos capangas,
Rufino nem levantou-se
Nesse momento, correndo,
Isabel aproximou-se,
Era a caçula do chefe,
Com o seu pai abraçou-se.

A môça que do seu quarto
A conversa tinha ouvido,
Do capanga com seu pai,
Disse num gesto atrevido:
Se o cabra fôr homem mesmo
Farei dêle o meu marido.

E quando caiu nos braços
Do seu pai Napoleão,
Perguntou como uma louca:
— Onde está o valentão?
O velho mostrou Rufino
Inda sentado no chão.

Para o assombro de todos,
Só quando Isabel olhou,
Sem demonstrar sentir medo,
Rufino se levantou,
O velho olhou os capangas
De um a um consultou...

Porém não teve um sequer
Que desse um só passo avante,
Rufino na vista deles
Aumentava a cada instante,
Como um fantasma lendário,
Já parecia um gigante.

Todos olhavam Rufino,
Parados diante dele,
Porque nunca tinham visto
Um macho doido daquele,
Não tinha quem demonstrasse
Coragem de tocar nele.

Vendo-se quase sozinho,
O chefe falou assim:
— Rapaz, o que você fez
Assombron até a mim,
Mas na minha unha vai
Pagar tintim por tintim.

Eu tenho aqui três rapazes
Que deposito fiança,
Você vai lutar com eles,
É esta a minha vingança,
Se conseguir dominá-los
Terá minha confiança.

Armas não serão usadas,
Para ter mais graça a luta
Será feita corpo a corpo,
Livramento à força bruta,
De um a um para ver
Quem é que ganha a disputa.

Isabel disse: — Papai,
Esse moço eu creio nele,
Vou ser o juiz da luta,
A vitória será dele,
Se ele topar comigo,
No fim casarei com ele.

Isabel era simpática,
Muito risonha e formosa,
Lábios bem feitos, corados,
Voz sonora e maviosa,
Dentes alvos como pérolas,
As faces da côr da rosa.

Nesse instante de suspense,
Rufino ouvindo a voz dela,
Olhou-a de cima abaixo,
Apaixonou-se por ela
Porque nunca tinha tido
Outra ocasião daquela.

E disse a Napoleão:
— Mande chamar os rapazes
Que na vista dessa môça,
Quero vencer seus sequazes,
Porque com fé em Jesus
Eu venço mil satanases.

Os cabras eram chamados:
“Treme-Terra” e “Traz-a-Morte”,
“Acende-a-Vela”, o terceiro
Cada que fôsse mais forte,
Os três eram conhecidos:
“O trio bamba do Norte”.

Treme-Terra era um assombro,
Como o leitor há de ver,
Pesava noventa quilos,
Confiava em seu poder,
Quando pisava no chão,
Fazia a terra tremer.

Traz-a-Morte tinha um metro
E oitenta e três de altura,
No corpo era um gigante,
Com monstruosa grossura,
Quando o seu braço descia
Abria uma sepultura.

Acende-a-Vela era um tipo
Mau, perverso e arrogante,
Com um só murro matava
Um touro ou um elefante,
Um homem nem se falava
Morria no mesmo instante.

Eram êsses os rapazes
 Que logo foram chamados
 Para lutar com Rufino,
 Porém não eram treinados,
 E sim, apenas estúpidos,
 Valentes e confiados.

Chegando o capitão disse:
 — Quero agora que vocês
 Lutem com êste rapaz,
 Sendo um de cada vez,
 Rufino disse: — Porém
 Ên só luto com os três.

Os três capangas zombando,
 Deram uma boa risada
 E disseram: — Êsse infeliz
 Morre duma hofelada;
 Rufino disse: — Bandidos,
 A nossa hora é chegada.

Os cabras se balançaram,
 O rapaz se preparou,
 Quando partiram, Rufino
 Com rapidez se abaixou
 E com uma só rasteira,
 Os três no chão derrubou.

Os cabras não esperavam
 Luta daquela maneira,
 Também não compreendiam
 A arte de dar rasteira
 E nem nunca tinham visto
 Uma perna tão ligeira.

Cairam os três embolando
 Porém com disposição
 Tentavam se levantar,
 Mas, no meio da confusão,
 Êm sucessivas rasteiras,
 Caíam comendo o chão.

As quedas se sucediam,
 Parecia brincadeira,
 Quando um se levantava
 Tomava nova rasteira,
 Caía em cima dos outros
 Que levantava a poeira.

Porque quando aproximou-se
Do rapaz êle investiu,
Fincou-lhe os dois pés no peito
Que Acende-a-Vela subiu,
Uns cinco metros rodando,
Como uma flecha caiu.

Bateu no chão a cabeça
Até o pescoço entrou,
Rufino disse: — Coitado!
Aquêle se espatifou,
Olhando a môça, sisudo
Para o capitão falou:

— Capitão, os seus rapazes
Não agüentaram uma hora,
Já não posso perder tempo,
Pois com pouco vou embora,
Se tem mais cabra apareça
Que eu comecei agora...

Os cabras que assistiam
Àquela luta feroz,
Sairam todos correndo,
Quando ouviram aquela voz,
Dizendo uns para os outros:
— A "coisa" vem para nós!

Nesse momento, Isabel
Abraçou-se com Rufino,
Dizendo: — Foi Deus do céu
Que com seu poder divino
Mandou você clariar
A noite do meu destino.

Rufino disse: — Porém
Precisa a aprovação
Do seu pai, se êle quer,
Com gosto, a nossa união,
E se aceita ficar
Sob minha direção.

Napoleão respondeu:
— Não tenho mais outro jeito,
Perdi a moral de tudo,
O que quizer eu aceito,
Mesmo sob o seu governo
Viverci mais satisfeito.

Com a resposta, Rufino
Disse: — Agora mando eu;
Reunii a capangagem
Para enterrar quem morreu,
Depois tratar dos feridos,
Ninguém desobedeceu...

Mandou arrancar as placas
Da porteira e da estrada,
Enterrou os esqueletos,
Acabou a palhaçada,
Desarmou os criminosos,
Liquidou a capangada.

Deu uma ordem severa,
Que foi logo obedecida,
Para que houvesse paz;
Surgiu uma nova vida,
Com respeito, amor, justiça,
Naquela terra esquecida.

Foi erguida uma igreja,
Sacerdotes convidados;
Batizados, casamentos,
Lá foram realizados;
Todos ficaram felizes,
Vendo os maus regenerados.



O mundo moderno não admite "gafes" de etiqueta!

Atualize-se com o

Manual de boas maneiras

Mestre eficiente de normas para um comportamento exemplar em qualquer oportunidade.



Peça a seu vendedor ou à EDITORA PRELUDIO LTDA.
Rua Ipanema, 772 — SÃO PAULO-6

Seleções de

CARTAS DE AMOR

Apresentando uma nova série de famosos "scripts" das "Cartas de amor", de Fred Jorge, tão apreciadas quando de suas transmissões pela Rádio São Paulo.

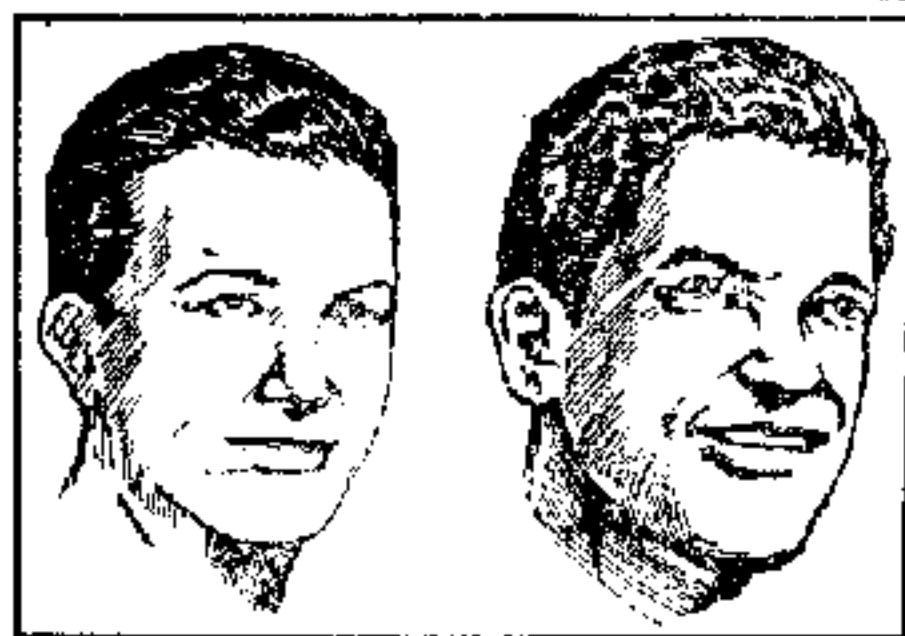
Inspirador!... Terno!... Arrebatador!



Peça a seu vendedor ou à EDITORA PRELUDIO LTDA.
Rua Ipanema, 772 — SÃO PAULO-6

Espectacular!

Encontram-se à venda
belíssimas fotografias
coloridas de artistas de
cinema, rádio e tele-



Procure em seu vendedor ou peça diretamente à
Editôra Prelúdio Ltda. - Rua Ipanema, 772 - São Paulo-6

7603

No Mistério do Sexo



Um livro para ser lido por pais e filhos.

A verdade que todos DEVEM saber sobre a vida sexual.

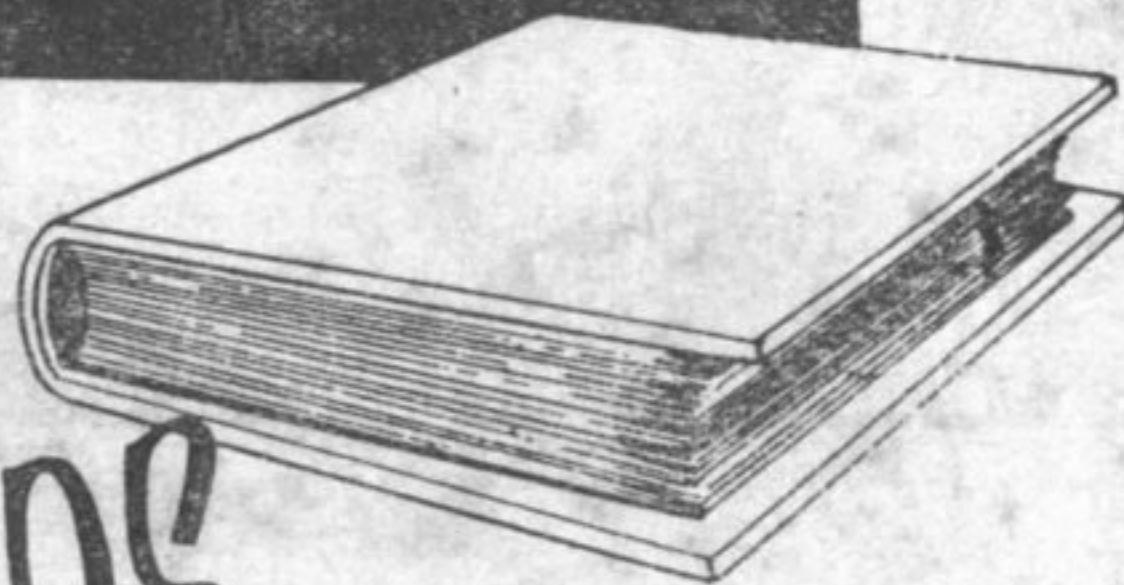
A verdade que todos os pais DEVEM ensinar aos filhos, sobre os problemas do sexo

A verdade que todos os filhos DEVEM aprender dos pais, sobre os problemas do sexo.

Um livro para ser lido por qualquer pessoa em qualquer lugar

UM LIVRO COMPLETO

MANUAL DOS NAMORADOS



Um livro necessário e completo sobre o comportamento dos jovens na atual geração

Como e por que namorar

A função do amor?

Como portar-se em determinadas ocasiões?

Esse livro responde todas as perguntas de maneira satisfatória

Se você ler vai gostar e aprender

Peça a seu vendedor ou a EDITORA PRELUDIO LTDA.

Rua Ipanema, 772 — São Paulo-6

SNB